



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.^o
LISBOA

Officinas d'imprensa e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira, 28 de Setembro de 1908

DE RELANCE

4.^a SERIE

Brindes semanaes

Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

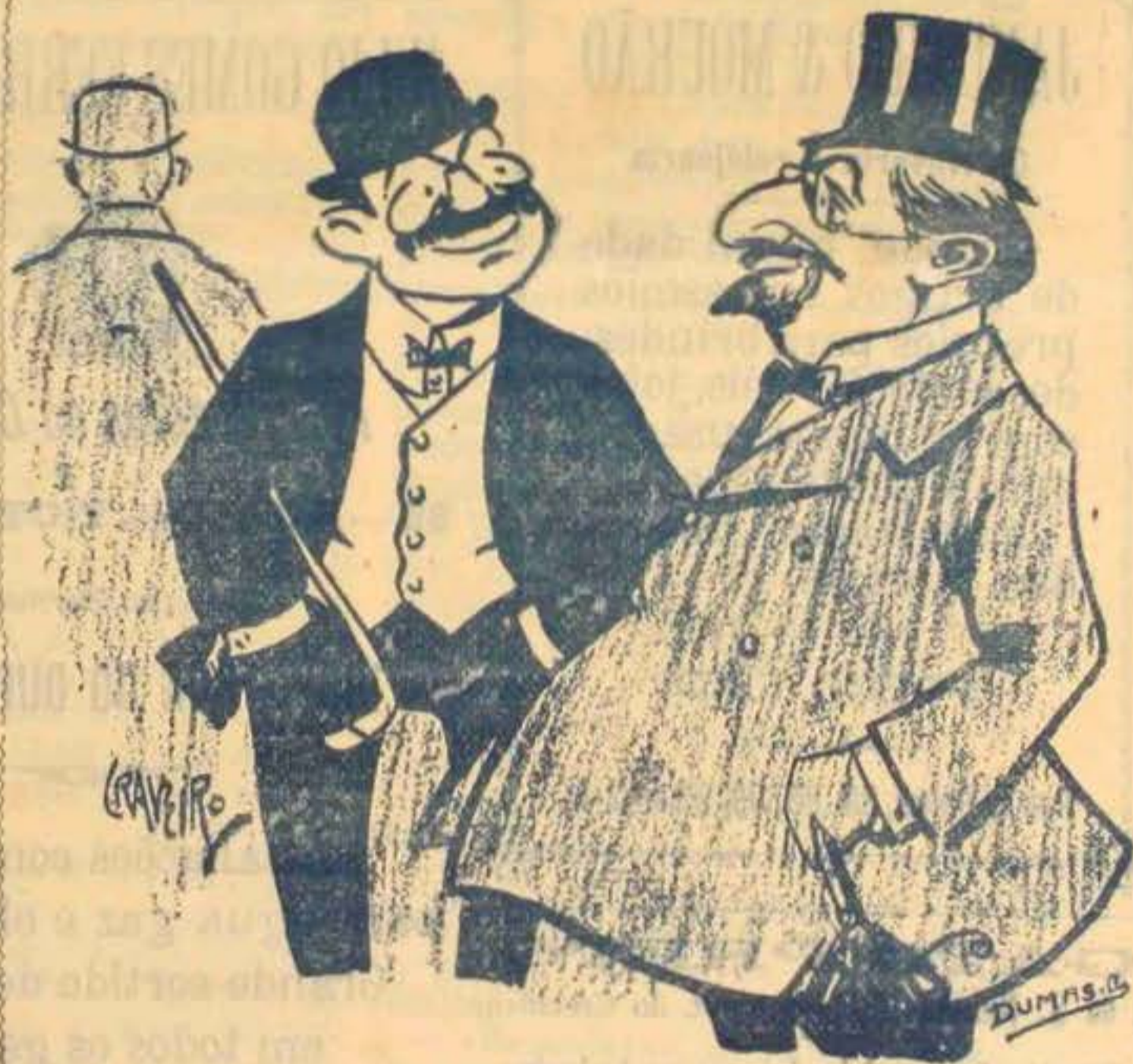
ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

1.^a — Ver se n'estes numeros



está contido o numero da **SORTE GRAN-DE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 2 de **OUTUBRO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 1389** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 9 de **OUTUBRO** de 1908.

2.^a — A este sorteio teem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos **Agentes e Depositarios**.

3.^a — O assignante ou annunciante a quem pertencer o decimo será avisado por um postal enviado pela redacção.

O decimo n.º 1389 para a loteria de 2 de Outubro, pertenceu ao Ex.^{mo} Sr. Manuel Eduardo de Figueiredo—Officina Typographica—Imprensa Nacional—Lisboa.

— Este seu cliente, Doutor, tem umas fallinhas tão doces ...

— Não admira: E' diabetico!

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos próprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Lindíssimos objectos para brindes

Característicos e originaes modelos em
LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo, d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos próprios.



Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos

FETICEIRO

DAS TREVAS

SENHA DE CONSULTA

As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloicando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfréga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

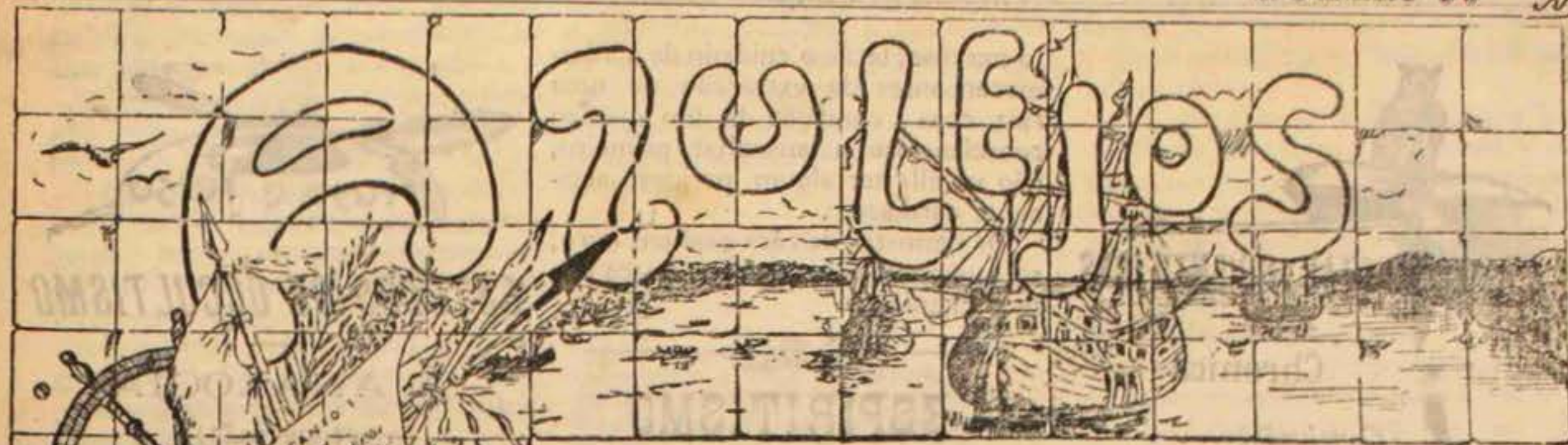
— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discreção.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
Arquitectos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Segunda-feira
28 DE SETEMBRO DE 1908

Condições de assignatura
(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400
A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem: 6000 exemplares.



**CHÁ
E TORRADAS**



RAM uma vez tresentos e vinte medicos allemães; como quem diz: três tostões e um vintem de sciencia de Alem-Rhêno, desaseis vintens de purgas em

potencias.

Estes Galênos teutonicos, tudo gente muito fina, inteligente e sabia, reuniram-se um dia e disseram uns para os outros: «não pode haver a menor duvida que a Germania (não confundir com a cervêja da rua d'Arroios) conserva hoje a supremacia em tudo. Não ha medico como o alemão, nem canhão como o Krupp, nem cervêja como a de Munich... etc.» E para atestarem esta verdade, para êles incontestavel, formaram em roda e cantaram em côro a copla da celebre revista portugueza:

—Não ha terra como es...es... esta—
está claro: com lêtra traduzida em lingua de trapos.

—«Mas, continuaram, para fasêr sobresaír o nosso país, é necessario que finjamos a necessidade de estudar no estrangeiro o que por lá houver de novidade. Partamos, pois, e, na volta, gritêmos aos quatro ventos

que, fóra da Allemanha, do que vimos, só é bom o que foi de nós copiado.»—E, conscios de que iam cumprir um devêr civico, exclamaram, sempre em côro.

—«Valetas»—

ou a palavra germanica equivalente, que deve sêr assim uma coisa com muitos G G e muitos F F.

—«A nossa posição social, obtemperou um especialista em unhas engravadas,—e a missão scientifica que nos impêlé, obriga-nos a que nos apresentêmos decentemente vestidos nas instituições que visitêmos: proponho, pois, que o traje adoptado sêja: rabona ou jaquetão leve, de côr variada, á vontade do sabio, abstenção de colête, gravata *nouée á la diable* (isto foi dito em francês para dar uma lambuzadêla de membriga aos vencidos de 1870) calças arregaçadas, boné de pála e palito na bôca.»

—«Apoiado!»—urraram 320 peitos subditos do Kaiser.»

—«Proponho—exclamou um medico forte em curas de doenças da bôca—que durante a nossa permanencia nas hospedarias estrangeiras, nenhum de nós escarre nas parêdes!»

—«Ainda que, aventou um sabio de barbas côr de latão, é esse um dos maiores sacrificios que se possa exigir a um alemão, acêdo e aprovo a proposta, mas sob condicão que, no regresso á patria e como compensação, despejêmos sem reserva o *trop plein* dos bronquios, nas caras uns dos outros.»

—«Isso é o que nós fasêmos constantemente!»

—«Psicologicamente!»

Resolvida a viagem, eil-os a caminho de todos os centros scientificos de primeira ordem, eil-os visitando os sobêrbs e grandiosos hospi-

taes das Canarias, a magnifica universidade do Funchal, fóco de luz scientifica que hoje ilumina o mundo.

Vêde-os em Lisboa estudando com afincó e durante dias e dias consecutivos a hospitalisacão no pardieiro de S. José (onde não foram), as magnificas instalações do instituto bacteriologico (onde não puzeram os pés), a nova escola medica de Lisboa (onde brilharam pela ausencia), o manicomio de Cintra, a fabrica de instrumentos cirurgicos da praia das Macãs, etc, etc, etc, etc.

E hõje, de volta ao seu nevoento país, embrulhados nos seus casacões de pêles, impando de Pilsener e de Munich, mais ou mênos genuina, é ouvil-os:

—«Que bêla viagem d'estudo! Lembras-te? Em Cintra?»

—«E' verdade! o Colares era de primeira ordem.»

—«E o manicomio da praia das Macãs? Que bêlos exemplares...»

—«Tens razão, nunca saboreei marisco tão grado e gostoso!»

—«Recordas-te, de certo, do hospital de S. José!»

—«Ya, um casarão, que ao principio julguei sêrem as cavalariças reaes.»

—«Eu, por mim, chorei ao ouvir o discurso do Silva Amado.»

—«Porquê?»

—«Por me lembrar que havia em Portugal alguma coisa que fazia achatar o bêque á Alemanha...»

—«O quê? O quê?»

—«O remedio para as insomnias!»

.....
Que grande viagem d'estudo!

Que grandes pandegos!

Que grandes sabios!

.....
Que dentistas!

João Kevê.



Chronica

(Conclusão)

Estes dois principes da sciencia contestaram o valor das conclusões do illustre preopinante.

E, afinal, que maneira é essa de tomar a *fine champagne*, não me dirão? Onde se viu alguem receber o cognac na orelha, como quem recebe um segredo!

Nada, meu velho Daremberg, essa é que não péga!

E, no emtanto...

Aqui me vejo eu, leitores amigos, em grave atrapalhação, ao ter de lhes dar um conselho sobre o caso...

O melhor, a meu vêr, será adoptar um meio termo.

Portanto, meus caros, quando se tratar de aguardentes extravagantes, d'estas de 20 réis o calice, mettam-nas delicadamente na veia da orelha.

Este pequenino exercicio, que nenhum mal fez aos coelhos do compadre Daremberg, porque havia de ser nocivo aos meus amigos? E' claro.

Mas, quando se virem em frente de uma boa garrafa de cognac, velho, ahi da primeira metade do seculo passado, deixem-se de cousas, e dêem a preferencia á ingestão bucco-estomacal. Era assim que faziam nossos paes, e o systema quadrava-lhes que era um regalo!

2.º — Dentistas para cães

Quando terão dentistas os innumeros cães que vagueiam pelas sujas ruas de Tanger?

Na America, os felizes fraldiqueiros já tinham alfayates e medicos. Vão ter agora dentistas tambem.

Parece até que já fôram inaugurados, e com exito enorme, esses institutos dentarios de nova especie. Dizem que ha estabelecimentos luxuosos, com todos os aperfeiçoamentos modernos, para os cães dos archi-millionarios da quinta avenida, e que ha ao mesmo tempo a clinica modesta para os *16tós*, cujos donos não apanham os dollars e as *bank-notes* ás pazadas.

A prothese dentaria não terá assim segredos para o nosso fiel companheiro. Tal qual sua dona, Mirza terá direito a disfarçar os ultrages do tempo, e, para filtrar mais harridamente com Azor, mandará pôr dentes fingidos de porcelana, ouro, ou platina. Se tiver um temperamen-

to nervoso, terão o cuidado de a adormecer antes da extracção de uma raiz, com a condição de um medico consciencioso a auscultar primeiro, não vá ella ter algum perigoso accidente cardiaco.

Os dentistas de cães ganham ouro, ao que parece, pondo-o na bocca dos seus clientes...

ESPIRITISMO

Uma sessão com o Medium Miller

POR

Gabriel Delane

M. Miller tem cerca de 36 annos de idade. De estatura regular, é robustamente constituido e apresenta uma physionomia calma e aspecto placido, que me parece differencial o d'outros mediums que tenho conhecido de temperamento nervoso.

A primeira sessão teve logar sexta-feira, 20 de julho, em casa de M. Letort, na sala de jantar.

O gabinete é formado por dois pedaços de flanela preta de algodão, que se juntam em angulo recto e que pendem livremente até ao pavimento. Estas cortinas correm em vergas de ferro fixas ao tecto. Um dos lados do rectangulo assim formado mede 1 metro e o outro 1 metro e 32. O empregado de M. Miller, que o acompanha sempre, estava n'uma outra sala, cuja porta ficou aberta; estava encarregado de augmentar ou diminuir a luz, segundo as indicações que lhe fossem dadas pelo medium.

A partir do começo da sessão, elle não penetrou nunca na sala de jantar, em que os assistentes estavam sentados em cadeiras pela ordem seguinte:

M. Miller junto ao gabinete, dando-lhe a direita, depois eu, M. B., M., M. e M.^{me} White, M. Letort, M.^{me} Ber, M.^{me} de M., Camille Chaigneau, Albin Valabrégue, M.^{me} Louise, M.^{me} Chambeau, M.^{me} Renoult, M.^{me} Basse, M.^{me} Letort, que fechava o circulo no outro lado do gabinete. O exame d'este foi feito um pouco antes do começo da sessão.

As cortinas eram singelas, o que tornava o exame muito facil. M. Chaigneau sellou a porta que dava para o gabinete e collocou duas tiras de papel gommado sobre a porta d'um armario ahi existente, escrevendo o seu nome a lapis, metade sobre o papel e metade sobre a madeira.

Uma cadeira de pau macisso foi voltada em todos os sentidos, assim como um tapete de cama, feito de pelles de cabra, e nada se encontrou digno de reparo.

A luz era fornecida por uma pequena lampada de essencia, attenuada por uma tulipa de vidro cõr de rosa, e o todo envolvido por um jornal enrolado em fórma de cylindro.

(Continúa).



ESTUDOS DE OCCULTISMO

A ANALOGIA

(Conclusão)

Os canhões e a polvora foram assignalados por Porphyrio, Valeriano, Herodot, Justino etc. Marco Groeco chega a dar a composição da polvora, ainda hoje usada.

Como na antiguidade as sciencias analypticas, que hoje adquiriram um desenvolvimento tão notavel, estavam muito atrazadas, os sabios de então para attingir estes e outros conhecimentos do mundo physico, para comprehender as suas leis e chegar numa synthese á comprehensão dos phenomenos do Unniverso, faziam uso do methodo analogico. Era tambem este o methodo mais seguro que possuiam, para conhecer de uma maneira igual os phenomenos que se passam nos mundos invisiveis, e que nos estão vedados, emquanto habitantes do mundo physico. Este methodo á pois tão seguro e tão rigoroso que podemos afirmar que, sempre que tem sido empregado em varias sciencias na descoberta das leis da Natureza e de phenomenos novos, fornece resultados surprehendedentes pela sua exactidão.

O que se diz da *analogia*, é realmente exacto, dirá o leitor, mas os occultistas usam e abusam do seu methodo a ponto de tirarem conclusões de factos absolutamente desprovidos de importancia, e compararem classes de phenomenos que não possuem semelhança alguma. Pelo facto de um individuo apresentar as guias do bigode recurvadas em espiral, afirmar tal ou qual qualidade de um caracter é absolutamente grotesco e desprovido de criterio.

Mas, leitor, se tomarmos dois objectos ao acaso, descobriremos forçosamente nelles propriedades semelhantes e dessimelhantes. Já Platão dizia: Todas as cousas do Universo são semelhantes e diversas. Ora é innegavel que, tomando em consideração as semelhanças e dessimelhanças de duas classes de phenomenos, poderemos pelo estudo das propriedades de uma concluir as propriedades da outra.

Vamos citar um exemplo, já agora muito conhecido dos occultistas, de phenomenos analogos e que não denotam semelhança alguma apparente.

«Se considerarmos o pulmão, diz Papus, ensina-nos a sciencia dos detalhes (a anatomia, sciencia analyptica) que esse orgão recebe do exterior o ar, que nelle soffre uma certa transformação.

«Se considerarmos o estomago, en-

sina-nos a mesma sciencia que este orgão se encarrega de transformar os alimentos que recebe do exterior.

«Para aqui a sciencia do phenomeno não pode fazer mais que constatar o facto.

«A analogia, porem, tomando estes dados e tratando-os pela generalização, isto é, pelo methodo opposto ao methodo de detalhe, formúla assim os phenomenos :

«O pulmão recebe do exterior alguma cousa que transforma.

«O estomago recebe do exterior alguma cousa que transforma.

«Portanto o pulmão e o estomago, exercendo uma funcção analoga, são analogos entre si.

Se a analogia nos ensina que estes dois orgãos tão differentes aparentemente na sua anatomia, são analogos pela sua physiologia, a que resultados não chegaríamos se comparassemos a sua pathologia e a sua therapeutica.

Para terminar, recommendamos ao leitor que estude detalhadamente os processos do methodo analogico, que o applique sem receio em circumstancias variadas e garantimos lhe que será grande a sua surpresa ao verificar a exactidão dos resultados obtidos.

Estes estudos devem ser feitos pelo leitor só e desprovido de qualquer auxilio estranho. Assim o exige o estudo do occultismo, em cujos segredos não se pode penetrar senão á custa de esforços e de trabalho puramente pessoal. E' estudo completamente interdicto aos preguiçosos.

Como exercicio proveitoso e para começar, lembramos ao leitor o estudo dos chamados mundos supraphysicos, que cercam o nosso mundo physico e o penetram por tódos os lados. O estudo das diversas camadas da esphera terrestre, solida, liquida, gazosa e ether, assim como o dos estados intermediarios, será sufficiente para estabelecer a existencia de mundos cada vez mais subtis, todos delineados pelo mesmo esboço, differindo apenas na qualidade dos materiaes, regidos pelas mesmas leis, constantes e geraes para todos.

Do que se passa em um de elles, poderá pois concluir-se com todo o rigor para o que se passa em cada um dos outros, contanto que tomemos em consideração as semelhanças e differenças existentes entre o mundo conhecido e aquelle que pretendemos desvendar. E como conclusão do seu trabalho, o leitor comprehenderá a verdade de uma affirmacão muito antiga, pois que sobe ao tempo dos antigos egypcios e é attribuida a Hermes Trismegista: — *O que está em cima é como o que está em baixo.*

O leitor, que teve a paciencia sufficiente para nos acompanhar até aqui, terá provavelmente achado este estudo excessivamente pezado e indigesto. A culpa não é do assumpto que é naturalmente ameno, mas da nossa incompetencia que o tornou arido; e, se este insignificante trabalho tiver,

como esperamos, despertado no leitor o desejo de continuar a desenvolver-se em estudos de este genero, vencida esta primeira repugnancia, verá o seu trabalho largamente recompensado e reconhecerá a verdade do que deixamos dito.

ARTHUR BENONI.

Carta á minha visinha

Quando segue a rua altiva e esguia,
Ostentando a frieza da verdade,
Eu fico extasiado... e scismo então:
Mas em que fundará tanta vaidade?

E' linda? Mas ha tanta formosura
Sob o céu desta terra tão bemdita!
E não vamos mais longe: acho mais bella
Do que vossencia a sua criadita!

Encontro-lhe uma graça natural,
Um não sei quê que me seduz, emfim:
Ella é córada e sã... e *vocelencia*
Parece-me que abuzo do carmim.

Bem sei que a sua bota é delicada
E os seus pézinhos são de entontecer;
Mas tambem sei, senhora, o que se rosna
Quando na rua a vejo apparecer.

Inda hontem, por exemplo, mal passou
Junto de mim com seu ar sobranceiro,
Um amigo me disse, ao aponta-la;
— «Ainda deve a conta ao sapateiro;

«E o vestido galante, aonde agora
Embevecido pões a tua vista,
Já o possui a bella ha quatro annos...
Embora fuja sempre da modista!»

Isto dizem, senhora, quando segue
Na rua com seu ar tão sobranceiro...
Não sei porquê, ao vê-la assim gordinha,
Eu tenho dó do pobre merceeiro!

Depois a sua linda criadita
Disse-me hontem, a rir: Senhor, na rua
E' que a minha patrão veste bem...
Pois lá por casa anda quasi nua!...

Não sei, pois explicar qual a razão
Porque desdenha assim da humanidade?!
Olhe: pague o que deve aos seus credores,
E dispa para sempre essa vaidade!...

MANOEL CHAGAS.

(Da «Musa Galhofeira» no prélo)

O pequeno escrevente florentino

POR

Edmundo de Amicis

(Conclusão)

E' certo que o não surprehenderia a praticar uma acção má...

De mais já tinha resolvido dizer-lhe tudo... mas... o sentir aquelle passo aproximar-se na obscuridade, ser surprehendido áquella hora, n'aquelle silencio...

Sua mãe, que despertaria tambem assustada...

E pensar que seu pae poderia, pela primeira vez, sentir-se humilhado na sua presença descobrindo tudo.

Esta idéa quasi o aterrava,
Apurou o ouvido, com a respiração suspensa... não sentiu rumor.

Escutou á fechadura da porta que lhe ficava por traz das costas... e nada.

Todos em casa dormiam... o pae não ouvira coisa alguma.

Tranquillisou-se, e recomeçou a escrever.

E as cintas iam-se amontoando sobre as cintas.

Na rua deserta sentiu o passo cadenceado da guarda civil, depois o rodar d'um carro que parou de repente; seguiu-se o estrepito de uma fila de carros que passavam vagarosamente; mais tarde, um silencio profundo, interrompido de quando em quando pelos latidos de um cão.

E escrevia... escrevia sempre.

E no entanto, o pae estava por traz d'elle. Levantara-se ouvindo cair o livro, e esperava a occasião opportuna.

O estrepito dos cerros tinha abafado o rumor dos seus passos, e o frouxo chiar das dobradiças da porta; e estava ali, com a sua cabeça branca, sobre a cabecinha negra de Julio; vira correr a penna sobre as cintas; e n'um momento, tinha advinhado tudo, ree cordára tudo, comprehendera tudo; um arrependimento subito, uma ternura immensa lhe invadira a alma, e retinha o soffocado ali por detraz do filho.

De repente, Julio solta um grito agudo!.. dois braços convulsos o estreitavam fortemente.

— Oh! pae, pae, perdoe-me! gritou reconhecendo o pae que chorava.

— Perdoa-me tu, filho — respondeu o pae soluçando, e cobrindo-lhe a frente de beijos. Compreendo agora... sei tudo, e sou eu que te imploro perdão, santa creatura minha. Vem, vem commigo!

E impeliu-o ou antes levou-o ao leito de sua mãe, já acordada, e deitou lh'o entre os braços, dizendo:

— Beija, beija este filho querido, que ha tres mezes não dorme trabalhando por mim, e eu a torturar-lhe a alma, a elle, que nos ganhava o pão!

A mãe apertou o affectuosamente ao peito, sem poder desprender a voz; depois disse:

— Vae dormir, meu querido filho, vae, vae dormir, e descançar! Leva-o tu á cama.

O pae tomou-o nos braços e conduziu ao quarto; deitou-o no leito, comovido, acariciando-o, aconchegando-lhe as almofadas e endireitando-lhe a coberta.

— Muito obrigado, papá — dizia o filho — muito obrigado! Mas vá deitar-se... eu estou muito bem; vá, vá deitar-se papá.

Mas o pae queria vel-o adormecido, sentou-se á cabeceira da cama, tomou-lhe a mão, e disse-lhe:

— Dorme, dorme, meu filho!

E Julio, cançado, adormeceu finalmente, e dormiu muitas horas, gosando, pela primeira vez depois de alguns mezes, de um somno tranquillo, afagado de sonhos ridentes; e quando abriu os olhos já o sol brilhava ha muito, e sentiu primeiro e viu depois, junto ao peito, apoiada na beira da cama a cabeça branca do pae, que tinha passado a noite ali, ao lado d'elle, e dormia ainda com a testa sobre o seu coração.

Fim.

AVISO

Durante esta semana a nossa redacção e administração vae ser mudada para a rua do Arcoda Graça, 42, 1.º, onde fica definitivamente.

Toda a correspondencia do "AZULEJOS" deve ser dirigida, d'ora ávante, para aquella morada.

Guitarra de Romanol

90

Quando á terra ressequida
Desce um enorme chuveiro
Cada gottita calida
Traz d'esp'ranças um milheiro

91

Soem ter sequer um defeito
A mulher mais fina e bella
Produz em mim o effeito
D'arroz doce sem canella

92

O menos dextro soldado
Tem pontaria certa,
Vendo ante si pendurado
Um coração de sopeira

93

Esta carta dolorida
Foi scripta por minha mão,
No papel da minha vida
Com pennas do coração

94

Causa-me enorme estranheza
Sempre que um beijo me negas,
Quando possuo a certeza
Que de centos dás ás cegas.

A uma tricana

Gentil tricana que ridente passas
Batendo as lages com fragil chinella
Por essas ruas de Coimbra bella:
Oh como és linda, que divinas graças!

Chale traçado por alguma Fada,
Deixando ver as tentadoras linhas
D'um busto airoso, que té ás Rainhas
Faria enveja sem tu seres c'roada!

Por mais que busquem, não ha mór belleza
Como a que nasce da simplicidade
Com que tu trajas linda Portugueza!

Tu és o Astro da nobre Cidade
Que mais disvellos deve á Natureza
Gentil culpada do meu mal: Saudade...

Zé PERRIRA.

Anoitecendo...

Os ultimos fulgores do rubro sol poente
Rebrilham na amplidão. As aguas da bahia
Reflectem seus raios... e a brisa docemente
Vae beijar, perpassando, a encosta á serra-
unia...

O sol baqueia, alfim, no abysmo do horizonte,
N'um delirio de luz d'eternas combustões!
...Estranho agonisar d'enorme mastodonte,
Ao fogo succumbindo em negras convul-
sões!...

A vaga indo bater d'encontro ás duras fra-
guas,
Gemendo, a soluçar, as suas tristes maguas,
Em suave canção de Dôr e Desalento,

E' toda uma epopêa enorme de Tristeza!
Da Treva o negra manto envolve a Natureza,
Quando expira do solo derradeiro alento!...

Lx.º 15 Setembro 908.

MAC-ILLERNO.

O TRABALHO

Divagando

(A meus amantissimos e queridos paes)

— Dize-me: — O que buscas?!
Riquezas, honrarias, oiro?!
— «Não...
— Planaltos de ventura, oceanos de
felicidade e soes d'esperança?!

— «Tambem não...
— Dinheiro em abundancia?!
— «Muito menos...
— Então: beijos ardentes, sorrisos
voluptuosos, momentos d'extasis, em
summa mulheres formosas?!

— «Tambem não...
— Então o que buscas tu?!
Talvez... a mulher que adoras?!
— «Não...

E continuando a atravessar encru-
zilhadas, a trilhar caminhos agros, a
sulcar distancias e a vencer constan-
tes abysmos, fita-me serenamente e
aponta-me para a vastidão do rubido
horizonte,—onde o astro-rei desappa-
recia lenta e magestosamente!...

E, então, ainda tentando vaticinar,
continúo:

— Ah! os Paizes do Sonho, as lu-
minosas paragens do Ideal, do Amor?!..

— «Ainda não...
— O mar?!... A solidão?!... O
repoiso?!...

— «Tambem não...
— Acaso a... Morte?!... O Suici-
dio?!...

— «O quê?!
(.....?)
— «Não... Não...

— A tua Patria?!... pergunto-lhe,
finalmente, pezaroso a tantas negati-
vas,

— «Não... (e mostra-me ao longe,
muito ao longe um retalho de terra
perdido entre as réverberações da
corrente de dois pequeninos rios...
que deixara saudosamente!)

— Então dize-me:—O que buscas
tu?! Qual a tua jornada?!...

E elle continuando a caminhar se-
reno e firme, responde-me, n'um can-
tico de nostalgia infinda:

— «Busco a luz fulgente que nos
guia aos Templos sublimes do Bem; o
eterno refugio de todas as afflicções;
o apanagio de todas as crenças; o
Symbolo do progresso; a alavanca
das civilisações; e, em summa, o terno
e inolvidavel conselho de meus aman-
tissimos e queridos paes:

— O Trabalho...

Porto, 1907.

PEDRO MARIA DA FONSECA.
(Othão)

Dos «Sombrios»

BALLADA

Coração de mãe.

Era uma vez um desgraçado.
Ai lari lólé e
Ai lari lolá!
Era uma vez um desgraçado
Que amava e não era amado.

E a falsa a quem elle amava.
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
A falsa a quem elle amava,
Lhe disse: A'manhã gostava

Que me trouxesses, meu bem,
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
Que me trouxesses, meu bem
O coração de tua mãe.

E, elle, a pobre mãe matou,
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
Elle a pobre mãe matou
E o coração lhe tirou.

Correndo a leval-o, cae,
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
Correndo a leval-o, cae...
E o coração lá se vae

Rolando tambem no chão...
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
Rolando tambem no chão,
N'isto, fala o coração,

E diz-lhe, cheio de dôr,
Ai lari lolé e
Ai lari lolá!
E geme na sua dôr:
— Magoaste-te, meu amor?

Imitação,
Porto

M. DUARTE D'ALMEIDA.

Pensamentos

A maxima resolução na maxima conser-
vação.

OLIVEIRA MARTINS.

O absolutismo das doutrinas perverte a
intelligencia.

OLIVEIRA MARTINS.

A religião tem sido e será enquanto exis-
tir uma das maiores entraves do progresso,
NEMO.

Um Idyllio... lográdo!

Que encartadôra me pareceu aquêla mulher ao vê-la crusar por diante de mim, a sai: graciosamente colhida, deixando vêr um pé de menina primorosamente calçado e um pedaço de péna que fazia advinhar o que se não podia vêr!

Num momento meus olhos abraçaram o conjunto devéras admiravel.

Olhou-me de soslaio, mas não respondeu e apressou o passo.

Assim passámos uma porção de rúas e ainda que tentasse falar-lhe duas ou três vês não pôde conseguir escutar o metal da sua voz.

Os que, como eu, a iam seguindo, mas sem haver-se atrevido a dirigir-lhe a palavra parecendo-lhes sem dúvida já largo o passeio, foram desaparecendo e ao ver-me só, enchi-me de coragem e pondo-me a seu lado, disse-lhe:

—Minha senhora; apesar do seu

por me haver livrado desses importunos entes.

E apontando o joven que se acháva á pórtta juntou:

— Meu espôso Manuel.

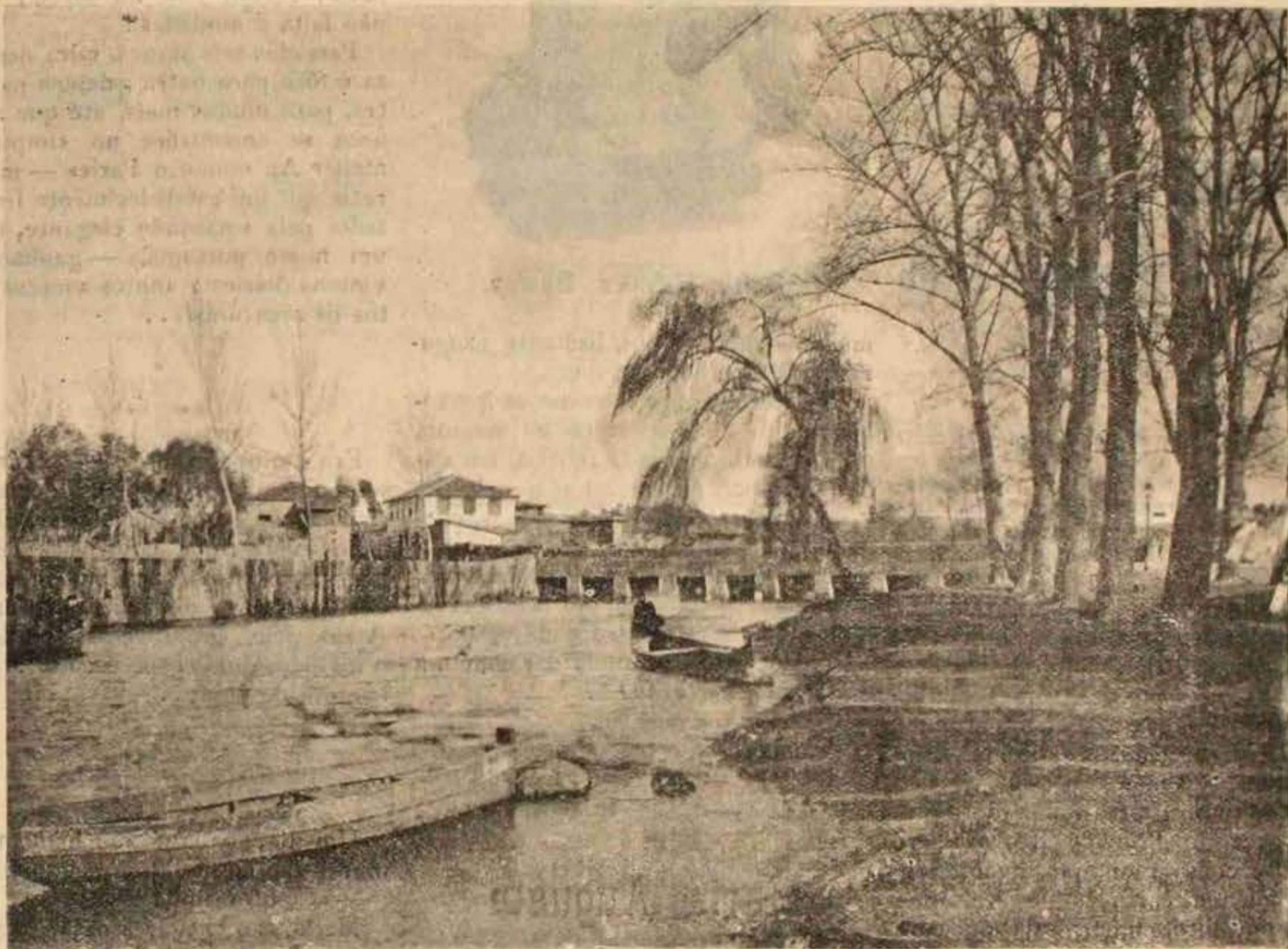
Inutil é disêr que, confuso e envergonhado, balbuciei algumas frases convencionaes e afastei-me d'ali resolvido a não tornar a cair em nóva «esparrela».

Novembro de 1907.

Versão de

LUIS MACHADO «ZIUL».

Portugal pittoresco



VIZEU.—Um trecho do rio Paiva, junto da Ponte das Barças.

Que curvas tam graciosas e tam acentuadas?

Ainda quando andáva depréssa, parecendo não querer fixar ninguem, pareceu-me surpreender no modo como o olháva, que experimentava certa complacença ao escutar as exclamações que produzia a sua bellêsa.

Maquinalmente e como cedendo á misteriosa atração, ffs o mesmo que outro que a ia seguindo; lancei-me no seu encalço.

Mais outro veio navegar nas mêmas águas daquella seductora náu.

Molestou-me aquêlla companhia e, enquanto os outros se contentavam em seguí-la, adiantei-me e disse-lhe:

— Minha senhóra, há algum inconveniente em acompanhá-la?

silencio, bem vê que não desistí de acompanhá-la, o que lhe haverá demonstrado o interesse que me inspira.

Talvês a minha presença evitasse que alguns d'esses que a seguiam se atravessem a dirigir-se-lhe, importunando-a e...

— Eu os saberia fasêr calar, cavalheiro — respondeu-me a joven com um acento, cujo tom ainda conservo no meu tympano.

— Antes que V. Ex.^a os recusasse eu os saberia conter a distancia, respondi.

— Mil agradecimentos, cavalheiro; replicou a bêla desconhecida parando á porta d'uma loja de módas na qual um joven a parecia estar esperando.

Muito obrigada, torno a repetir-lhe

Condemnado amôr

Longe, bem longe, o expatriado chora,
Puras saudades, d'um perdido bem,
Que a mente lembra, e na mesma adora,
E' elle a patria, que exilado o tem!

Assim eu triste, perto de ti, lastimo,
A dura sorte que nos affasta e opprime;
Amo-te muito—devo calal-o no imo
Amas-me tu... mas tal amor é crime!

Silenciosas, nossas almas gemem,
Neste tormento, de cruciante dor,
Se unir-se tentam... duro castigo temem,
Eis o martyrio de condemnado amor.

ANGELO PITOU.

Polyglota encravada

Ao dr. Xavier da Silva.

Falava lindamente a lingua ingleza,
Na lingua de Voltaire era um primor
Ouso mesmo afirmar e sem favor
Que a falava melhor que a portugueza.

Falava o hespanhol com ligeireza,
O Russo, o Italiano encantador,
E era um elemento de valor
A conversar a lingua Japoneza.

Que doce encanto ouvi-la! Francamente
Ficava a gente louco, extasiado.
Polyglota mui bella e excellentel

Mas teve de fazer uma op'ração,
E um *doitor* maldito, encarniçado,
A lingua lhe cortou que compaixão!

MANOEL CHAGAS.

(Da «Musa Galhofeira» no prélo)

ARTE DE TEATRO

Principe Real — *A volta ao mundo a pé*, peça em tres actos de Gaston Marot, traducção de João Soler, musica do maestro DiasCosta.

Se qualquer auctor desconhecido do publico levasse ao empresario do theatro da rua da Palma um original como *A Volta ao Mundo a pé*, era acolhido com um risinho sarcastico e a producção estava sentenciada, e muito bem, a recolher á gaveta.

Mas... aqui o caso muda de figura; a peça do Principe Real é d'um traductor consagrado, que, digamos de passagem, tem carradas de semsaboria, e, portanto, embora seja uma coisa sem pés nem cabeça, o empresario agarrou-lhe com ambas as mãos.

A volta ao mundo é uma successão de quadros parvos e desengraçados, bella para ser representada ao indigena, optima para uma recita dedicada aos petizes do Seculo que certamente ririam muito com os cáesinhos amestrados. Para gente com mais de quinze annos não presta, é uma empada sediza e sensaborona.

O desempenho está á altura da *peçita*: uma vergonha.

Se excluirmos Zulmira Ramos e Luciano que não vão mal, fica-nos um resto sem ponta por onde se lhe pegue.

Pato Moniz deslocado e sem vigôr; Gentil e Theodoro, dois estudantes sem vida nem alma; Maria das Dores, lamurienta; Caetano Reis, preguiçoso e deslocado; João Silva e Rodrigues, remando contra a maré; Nascimento, apalhaçando, ainda que em

Figuras do Palco



Actriz Palmira Bastos.

menor escala; Lopes, bastante exagerado no tabellião, e... etc.

É interessante vêr como as personagens que dão a volta ao mundo, atravessando a gelada Siberia, em nada se preocuparam com o calçado, vestimenta e demais apetrechos, chegando ao terminus da viagem com a mesma farpellinha, quasi 3 annos depois como se tivessem ido fazer a Avenida n'uma d'estas tardes de verão.

A peça acaba ao meio dia com um *espectaculo nocturno!!!*

O scenario é vistoso.

A musica algo maçuda.

JOÃO REVOLTA.

Maria Augusta

(CONTO ORIGINAL)

A José Mantua



O primeiro andar do predio n.º 57 da Rua Augusta, vê-se uma tabolêta com os seguintes dizeres:

«AU NOUVEAU PARIS»
CONFECTIONS FOUR DAMES
M.^{me} ROSA SILVA.

Era nesta casa que, ainda ha dois mezes, trabalhava Maria Augusta... Hoje, não; hoje já não trabalha...

Historia vulgar e banal, a d'esta rapariga!

Filha d'um pedreiro e d'uma criada de servir, que o seu nascimento transformára em «mulher a dias», viêra ao mundo apenas com o preço dum prazer...

Aos quatro annos, sua mãe, «para se vêr livre dela» durante o dia, metêra-a na mestra. Saíra aos oito, sabendo o alfabeto: «— Nada, que numa modista já podia ganhar um tostão por semana.»

Por isso, entrou para casa d'uma vizinha que trabalhava para as mulheres dos operarios do bairro. Passava todo o dia a fazer recados: ir comprar dez reis de chá, pôr o caixote do lixo á porta, levar um vestido, ouvir a descompostura inevitavel: «— Faça favor de dizer lá que a saia ficou uma porcaria! Os forros não prestam para nada! Assim não me serve! O que não falta é modistas!

Passados seis mezes, saíra desta casa e fôra para outra; depois para outra, para muitas mais, até que aos 17 annos se encontrára no «importante atelier Au nouveau Paris» — mal parecia que um estabelecimento frequentado pela sociedade elegante, tivesse um nome portuguez — ganhando 17 vintens diarios: tantos vintens quantos os seus annos...

Era muito formosa. Os seus sedosos e abundantes cabêlos negros, corôavam um rosto encantador. Os seus labios vermelhos e viçosos, pedindo beijos ardentes, serviam de cofre a uns pedacitos do mais puro marfim. A sua péle, branca e assetinada, era o involcro dum corpo escultural e exuberante de vida...

Um dia, na rua, um homem murmurou-lhe ao ouvido a seguinte fraze: — «Como é linda!»

Maria, ao chegar a casa, pegou no seu pequeno espelho, colocou-o diante dela e, passado um quarto d'hora, estava finalmente convencida de que lhe haviam dito a verdade! Sim, não havia duvida, era «muito bonita»...

Como todas as mulheres, adorava os vestidos e as joias.

Uma vez um sujeito, idoso já, offereceu-lhe, diante duma ourivesaria, um anelzito de dois mil reis. Ela accitou entusiasmada. O sujeito idoso pediu-lhe, em paga, um beijo. Ela deu-lhe vinte.

Passados dias, um garboso mancebo convidou-a para o acompanhar ao theatro. Havia de recusar semelhante gentileza? Por certo que não...

Findo o espetáculo, o seu companheiro meteu-se num trem com ella e, Maria, como não podia negar coisa

alguma áquêle que lhe proporcionára três horas tão agradaveis, deu-lhe tudo quanto êle lhe pediu...

Vertiginosamente foi caminhando para o terrível e irremediavel «fim»...

Os seus labios, hoje, já não são tão vermelhos, embora os cubra com carmim; a sua péle já não é tão fina e tão branca, embora a esfregue todos os dias com glicerina, cobrindo-a depois com pó d'arroz. No entanto, Maria Augusta, hoje, já não trabalha...

MARIO DE SÁ CARNEIRO.

Uma Quadra

A uma senhora
que m'a pediu.

Pediu-me Vocencia um verso,
coisa que eu mal sei fazer,
mas damas não pedem, mandam
e ordens cumprem-se E' dever.

Mas que é de vós, lá, solteiros,
ai p'los cantos da sala?
Não sabeis, acaso, amar?
Perdesteis talvez a falla?...

Pois é a vós que compête
vir por mim, aqui, cantar,
offer'cer-lhe um coração
que eu já não lhe posso dar.

Mas a quadrinha que pede,
vou por-lh'a aos pés. E' mesquinha,
mui pobre, bem sei. Senhora,
mas d'outras a musa minha.

Não sâbe, porem, fazer.
musa sem flor's, sem vaidade,
nem lira tem, que ficou-lhe
p'las sendas da mocidade:

•No jardim da natureza
•a mulher é flor tambem:
•lindo botão em creança,
•splendente rosa se é mãe.

HUMBERTO BEÇA.

CURIOSIDADES

Do *Diário de um musico* extractamos a seguinte e curiosa nota:

«Depois de ter dormido *dolce*, levantei-me *allegro*, vesti-me *poco a poco*, e fui *allegretto*, almoçar.

Cheguei a *tempo*, porque minha mulher estava deitando o café em *andante grazioso*. Perguntei-lhe como tinha passado, com *sentimento* e ella respondeu *molto vivo* e com oihar *expressivo*. De repente bateram á porta, primeiro *pianissimo*, depois *piano*, depois em *crescendo*. A criada foi abrir e um homem *maestoso*, exclamou com *tuta forza*:

—O patrão está em casa?

Ritardando fui á sala, abri a porta *adagio* e dei com o meu alfaiate que primeiro *moderato*, depois *strigendo*, me pediu que lhe pagasse. *Furioso* com isto, disse-lhe, *risolu-*

to, que não tinha dinheiro e afinal atirei-o *con strepito* pela *scala* abaixo.

Notas curiosas sobre a velocidade — Um soldado anda a passo de carga, 6 kilometros por hora e 3 en. passo ordinario. O soldado romano andava em passo de marcha 5 k^m por hora.

•O cavallo anda a passo ordinario 5 k^m por hora; a trote 11; a galope 22; á desfilada 48.

As locomotivas percorrem por termo medio 50 k^m por hora e 100 em grande velocidade.

As pequenas marés percorrem por hora 24 k^m e as grandes, do Cabo da Boa Esperança, 622, tendo assim uma velocidade seis vezes maior que a dos caminhos de ferros mais rapidos.

Os vapores percorrem por hora 7 a 22 k^m. O vento 3 a 10½ k^m.

O som no espaço, de 1 a 148; pelo contrario na terra apenas percorre de 100 a 410 k^m.

A electricidade pode dar a volta ao mundo num segundo.

Disto resulta que uma bala de canhão disparada pela peça de artilharia de maior força, representa a millesima parte da velocidade do fluido electrico, e que a Terra que percorre umas 400 a 500 leguas por minuto, não pode comparar-se com a velocidade da electricidade.

Maximas Arabes

1.º—Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje.

2.º—Não mândes fazer a ninguem o que tu puderes fazer.

3.º—Nunca disponhas do teu dinheiro antes de o ter na mão.

4.º—Não compres coisa alguma, por mais barata que seja, se a não precisáres.

5.º—Não te arrependas nunca de ter comido pouco.

6.º—Faze com gosto qualquer trabalho e o enfado será menor.

7.º—Quando te encolerisares conta até cem antes de responder e se te julgares offendido, será melhor deixáres a resposta para o dia seguinte.

8.º—Pensa bem antes de te resolveres a aconselhar, porem está sempre prompto para obsequiar.

9.º—Nunca assignes papel sem o lêr, nem bebas agua sem a vêr.

10.º—Acostuma-te a madrugar e terás tempo para tudo.

11.º—Nunca prefiras um amigo novo a um antigo; este já está provado, aquelle ainda não sabes que tal será.

12.º—Pensa muito e falla pouco.

13.º—Quando te julgares infeliz, pensa no numero infinito dos que ainda são mais desgraçados.

14.º—O exercicio é uma condição de vida. A machina humana enferruja-se senão trabalha.

Cumulos

Pôr no prego um cordão de policia.

Da arte nautica — naufragar na barra de um navio.

Da voracidade — um ferreiro comer limas verdes.

Da força — cortar pinheiros com um trunfo.

Da impericia — Cair do cavallo um cavalleiro Aguiar.

Da severidade — Fazer a sogra puxar á nora.

Da arte bellica — Bombardear uma cidade com peças de chita.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Alda M. G. P. C.

Junho—908.—V.º E.º deve têr um caracter que escorre benevolencia e hospitalidade, como agua numa esponja encharcada.

A união matrimonial com o homem que escolheu para marido será abençoada e constituirá um favo de felicidade.

V.º Ex.º terá uma alma nobre, caracter magnanimo e conscencioso e a excelente reputação de que gosará durante tôda a vida, devêl a ha a si propria, á houradez que constitue a pedra fundamental de todo o seu sér.

Será mãe de seis filhos: quatro rapazes e duas raparigas. Dos pequênos, um será medico, outro advogado, um engenheiro e o ultimo official do exercito (artilharia ou cavalaria). Das raparigas, a mais velha terá bêla voz de contralto e seguirá a carreira lirica na qual ganhará muito dinheiro e muita gloria; casará aos trinta annos com um brasileiro rico e retirar-se-ha da scena. A sua filha mais nova será poetisa e não casará.

V.º Ex.º fará duas grandes viagens: uma França, Belgica e Holanda, outra ao sul da Espanha. Nesta ultima terá o desgosto de lhe roubarem, numa *fouda*, um lindo relógio d'oiro, prenda de seu marido.

Morrerá a consulente aos 85 annos, de lesão cardiaca.

VARIETADES

Filhos de queijo — Amassam-se 4 ovos em 25 gr.º de queijo permeção ou londrino que deve de estar bem secco e ralado e igual peso de manteiga derretida. Depois de tudo muito bem misturado, tempera-se de sal e pimenta em pó, ao gosto, fringindo-se em seguida em banha de porco, como quaesquer filhós. Servem-se quentes.

Semana Alegre

Um jogadôr, farto de perder ao boston: — Senhor Deus, se continua a tratar-me desta maneira, faço-me livre pensador.

Um auctor dramatico vae lêr a sua ultima composição dramatica a um empresario e diz-lhe:

—O primeiro acto passa-se em França, o segundo em Portugal, o terceiro na Grecia, o quarto...

—Basta! Basta! interrompe o empresario — Não me é possivel representar esse drama. As despesas da viagem seriam enormes.

Foram uma vez lêr a Piron uma tragedia, onde abundavam versos apanhados aqui e ao li.

A cada trecho ou verso roubado, Piron tirava o chapéu e teve de repetir o movimento muitas vezes.

O auctor da tragedia surprehendido por este gesto tão repetido, inquiriu-lhe a razão.

—E' que tenho por costume cumprimentar os conhecidos.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 4.ª SERIE

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.ª—Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifradores

DOS N.ºs 49 e 50

Jó Fera-N.º 49, 13, 50, 13-(26) — Aurofijú -N.º 49, 9, 50, 10-(19) — Litras-N.º 49, 11, 50, 12-(23) — Bucage-N.º 49, 3 — Negrão -N.º 49, 3, 50, 5-(8) — Ziram-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Açnarepse-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Urso Velho-N.º 50, 14 — E' para rir-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Castalia-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Cabeça d'Agua-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — No lo cria-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Verba-N.º 49, 16, 50, 14-(30) — Ze João-N.º 49, 16, 50, 14-(30.)

Decifrações

Do numero 49

Palota—Malachita—Macuarria—Carraca, carraça—Orobo, orobó—Apus—Pau Arva—Uma, união—A'cha, chã—Garas, aras—Bisel—Uereo—Quem adormece a dizer mal, acorda calumniado—Quem mal marida, sempre tem que diga—Deus não se queixa mas o seu não deixa.

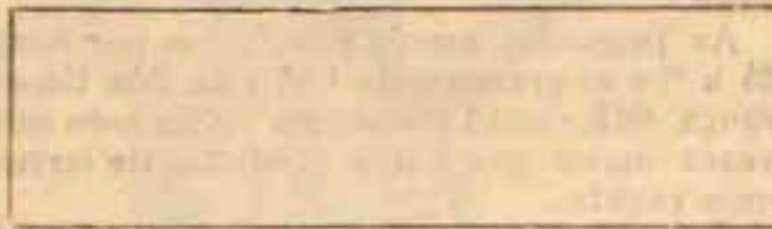
Do numero 50

Naturalista—Condecoração—Necroterio—Cabrito—Calisto—Capella, capellão—Galgo, galga—Quirino, quino—Mortagua—Cacete—Burro com fome cardos come—Julia Mendes—Buenos Aires—André da Ponte.

Charadas

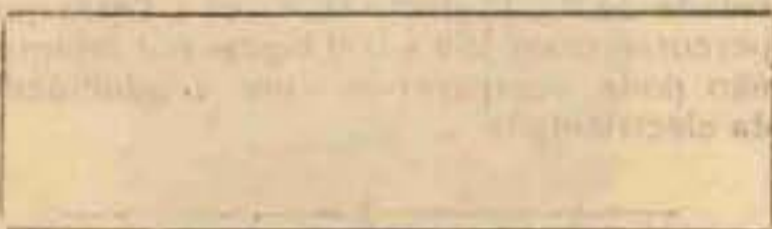
O que diz minha primeira-1
Tambem o diz a segunda-1
Ser da Persia uma cidade
Diz o Todo, não confunda.

MERCEDES BERENGUER



Eis meu leitor um pretesto-2
Para esta côr abandonar-2
Vá juntando, mas com geito
Que mammif'ro vae formar.

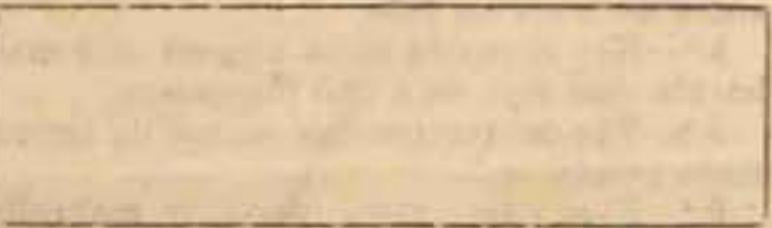
RAMITO



Electrica

Cidade da França-2.

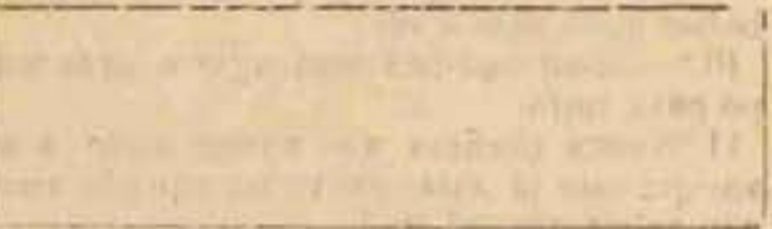
JOÃO DA CIDADE



Transposta

Macaco 2.

SAGEDAS



Novissima

O peixe faz do pato uma bella comida-2-2.

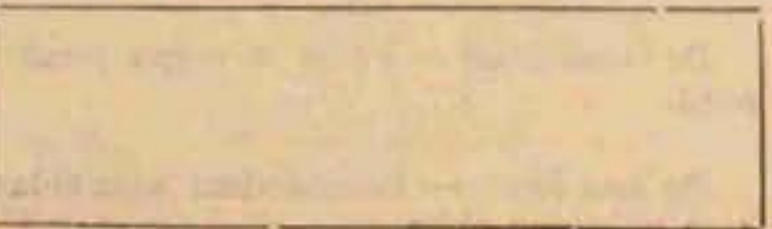
D. ETELVINA DE RAMOS SOEIRO



Biforme

Este porto russo parece-se com uma cidade da Hungria-2.

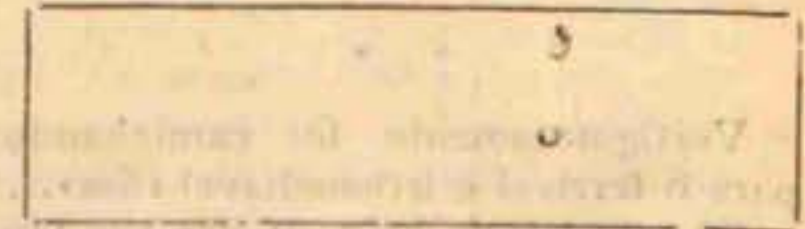
D. FUFIA



Augmentativa

—em—andam fazendo outra—

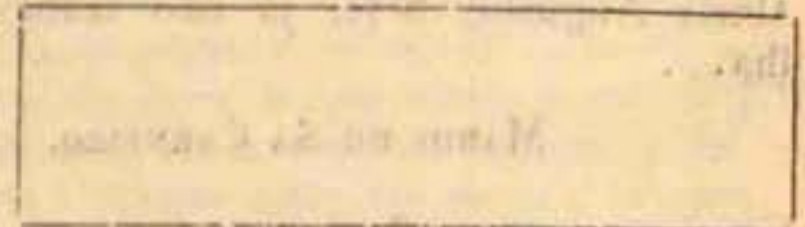
GALHETO



Pergunta enygmatica

Qual é a coisa que quando se dá, se fica com ella?

J. P.



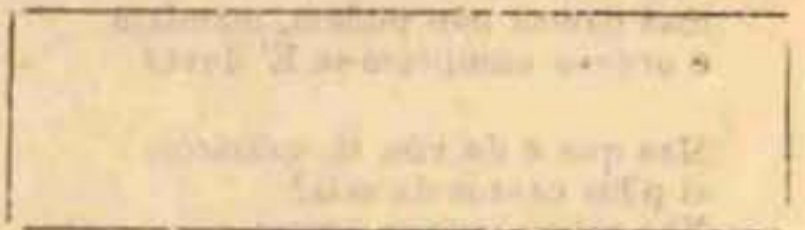
Enygmas

Saltitante

1-2-3-4
1-4-3-2
2-1-3-4

A ave e o insecto estão na margem.

PANASCAS



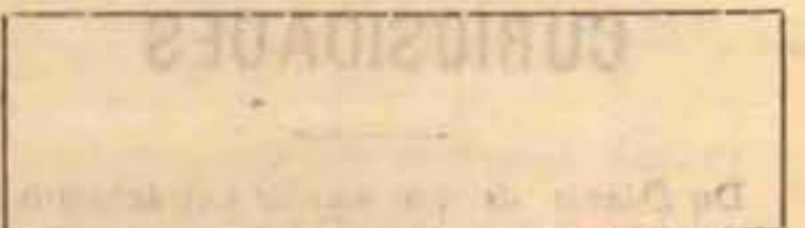
Por iniciaes

B R E S N A E T D N M
2 2 1 1 3 3 1 1 2 1 2

J. P.



Pittoresco

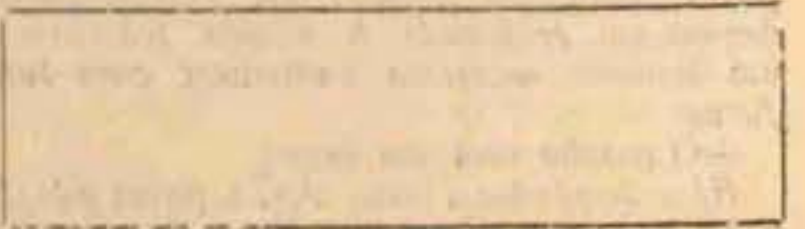


Estopada

Formar o nome d'um tragico d'antiguidade com as lettras da seguinte phrase:

SE PARTO HANIS

A. B.



Artigos a decifrar, 12.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA ++++

◆ ◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆ ◆
Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

SYLVINA

VALSA

João P. Mineiro.

PIANO

poco lento

p. leggiero *ff* *p* *ff* *p* *ff*

p *ff* *p* *ff* *p* *ff* *p* *ff*

p *ff* *p* *ff* *p* *ff* *p* *ff* *p* *ff* *p* *ff*

ff *mf* *f*

mf *ff* *mf*

ff

D.C.

O NOSSO CONCURSO ARTISTICO

das Mascaras Illustres

A quem couberam os premios

Premio para o maior numero de collecções: UM COUPON DE 100\$000 réis, offerecido pela *Administração do AZULEJOS*—Coube ao Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes;—R. da Palma, 116-1.º, que apresentou 19 collecções.

1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.^{mo} Sr. *Eugenio Costa*, proprietario do *Gato preto*, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Adilia Winckler de Figueiredo—P. D. Manuel, 22, Thomar—collecção n.º 173.

2.º—Um tinteiro arte-nova;—coube ao Ex.^{mo} Sr. João Carlos Brandeiro—Pateo do Tronco, 28, 2.º-D., Lisboa—collecção n.º 197.

3.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria do Céu Beça*, nossa illustre collaboradora;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Adelino Correia—L. de Camões, 14, Chaves—collecção n.º 340.

4.º—Uma lindissima caixa para pó d'arroz em procelana azul;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Nuno Cardoso—Campo dos Martyres da Patria, 157, 3.º E., Lisboa—collecção n.º 290.

5.º—Um busto de Marte, imitação de jaspe;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Paz de Mattos Graça, Barcellos—collecção n.º 64.

6.º—Uma corbeille de faiança portugueza;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Virginia Galvão Lamete de Castro, Lagos—collecção n.º 229.

7.º—Um jarro de cristal para toilette;—coube ao Ex.^{mo} Sr. João Esteves Gonçalves—R. do Recolhimento (ao Castello) 32-1.º Lisboa—collecção n.º 235.

8.º—Um lindo candieiro de petroleo por incandescencia (*Luz Kitson*), offerta do Ex.^{mo} Sr. *Jayme Arthur Marques*, R. dos Retrozeiros, 35;—coube ao Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes—R. da Palma 116-1.º, Lisboa—collecção n.º 72.

9.º—Um porta jornaes bordado, offerta e trabalho, da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria Augusta Perestrello da França*;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Fernando da Silva Pinto—Avenida D. Amelia, 28, 4.º D., Lisboa—collecção n.º 240.

10.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente igual aos que estão á venda em casa do offertante, Ex.^{mo} Sr. *José Godinho*, 54, P. dos Restauradores, 56;—coube ao Ex.^{mo} Sr. José Augusto Soares, Pardelhas—Murtosa—collecção n.º 163.

11.º—Um busto em jaspe do inspirado maestro Strauss;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Fernando Augusto Rosa—Becco do Alegrete (ás Olarias), n.º 2-2.º, Lisboa—collecção n.º 283.

12.º—Uma figura de biscuit phantasia;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Virginia Affonso Protes—R. de S. Lazaro, 131-1.º, Lisboa—collecção n.º 246.

13.º—Uma pintura a oleo, offertada pelo Ex.^{mo} Sr. *João Bastos*, um dos nossos directores artisticos;—coube ao Ex.^{mo} Sr. João Cesario da Costa Santos—R. da Misericordia, 62, Santarem—collecção n.º 222.

14.º—Uma caixa de biscuit para pó d'arroz com ornato colorido;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Mario Augusto Valente d'Almeida, Estarreja—Pardelhas—collecção n.º 231.

15.º—Uma artistica floreira em porcellana de Sèvres;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Francisco Silva—R. Marques da Silva, 1-2.º, Lisboa—collecção n.º 16.

16.º—Uma lindissima caixa para pó d'arroz em procelana azul;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Antonio da Rocha Madail—Ilhavo—collecção n.º 124.

17.º—Um jarro de crystal para toilette;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel Correia Ruas—R. de Santa Catharina, Aveiro—collecção n.º 183.

18.º—Uma figurinha em biscuit;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Luiz Martins—R. Maria Andrade, A-r/c, Lisboa—collecção n.º 19.

19.º—Uma caixa em biscuit para pó d'arroz com ornato colorido;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Manuel d'Araujo Gonçalves—R. Thomaz Ribeiro, 62, r/c, Lisboa—collecção n.º 241.

20.º—Uma toalheira bordada, trabalho e offerta da Ex.^{ma} Sr.^a D. *Maria d'Oliveira*;—coube ao Ex.^{mo} Sr. José Feio—R. Augusta, 285, Lisboa—collecção n.º 181.

21.º—Uma bonboniere de crystal e metal branco;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luiza Vasconcellos Sarmiento, Faiões—Chaves—collecção n.º 324.

22.º—Um tinteiro de metal branco;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Silva—L. do Conde Barão, 4, Lisboa—collecção n.º 300.

23.º—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. *João Maria Lopes*, nosso illustre collaborador;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Albertina Rodrigues—R. de Santa Maria, 43, Chaves—collecção n.º 118.

24.º—Uma machina d'escrever;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Barbara Silva—R. Marques da Silva, 1 2.º, Lisboa—collecção n.º 45.

25.º—Um saleiro em metal e crystal;—coube á Ex.^{ma} Sr.^a D. Alda Vieira—R. Serpa Pinto, Albufeira—collecção n.º 23.

26.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do Ex.^{mo} Sr. *Luiz d'Oliveira*;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Henrique Correia—R. dos Cavalleiros, 14, 1.º, Lisboa—collecção n.º 132.

27.º—Um busto de Mozart, imitação de jaspe;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Augusto Freitas—R. dos Correeiros, 10, Lisboa—collecção n.º 309.

28.º—Bandeja em majolica com aros de metal branco, (diametro de 30 centimetros), offerta da Casa das Louças, 33, Rua da Palma, 35, propriedade do Ex.^{mo} Sr. *Pedro Carlos Dias de Sousa*;—coube ao Ex.^{mo} Sr. Manuel Joaquim Duarte—Qnartel do Carmo, Lisboa—collecção n.º 122.

29.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.º Sr. Julio de Mattos;—coube ao Ex.º Sr. Miguel José Rodrigues—T. da Boa Hora, 9, Belem—collecção n.º 154.

30.º—Um porta jornaes bordado—pela Ex.ª Sr.ª D. Adalina Lapa Rodrigues Garrana;—coube ao Ex.º Sr. Theodorico da Silva—Pharmacia Diniz Gomes, Ilhavo—collecção n.º 166.

31.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Januario & Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92-A;—coube á Ex.ª Sr.ª D. Fernanda Mantua—C. do Forno do Tijolo, 32-4.º, Lisboa—collecção n.º 88.

32.º—Um romance francez illustrado e com encadernação de luxo, em percallina;—coube ao Ex.º Sr. Alfredo Luiz Martins—R. Maria Andrade, A r/c—collecção n.º 5.

33.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.ª Sr.ª D. Leonia Paz Lopes;—coube á Ex.ª Sr.ª D. Elisa Bastos Pisano da Cruz—Quinta dos Cheios, S. Izidro—Mafra—collecção n.º 200.

34.º—A obra completa de Gonçalves Crespo, encadernada em percallina;—coube á Ex.ª Sr.ª D. Eugenia Valdez Osorio—Elvas—collecção n.º 106.

Os premios podem ser requisitados a partir de 4.ª feira, na R. do Arco da Graça, 42, 1.º para onde mudou a Redacção e Administração do "Azulejos".

O jury para a apreciação das collecções artisticas reúne na proxima semana. As collecções continuam expostas na montra do GATO PRETO.